

A Aritmética da Saúde na *Encyclopédie de Diderot e d'Alembert*: Um Esboço de Política de Saúde*

REGINA COELI FRANCO FERRAZ **

1. Considerações iniciais

No século XVIII, tempo do Iluminismo, a saúde adquiriu uma dimensão política. Neste período, o discurso científico tornou-se dominante. Observa-se, de um lado, a medicalização do corpo social, de outro, a introdução de procedimentos racionais na prática médica.

Os médicos, assim como outros profissionais, passaram a intervir na esfera social, produzindo novas condutas. Desta forma, a prática médica extravasa o corpo orgânico e passa a interferir no corpo social. Os iluministas acreditavam no poder da ciência para transformar a vida humana e o mundo, visando uma felicidade terrestre. A medicina, enquanto prática “científica”, ganha novo valor.

A *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*,¹ foi uma das principais obras desse período. Historiadores da medicina, tais como George Rosen² e

* Extraído de R. C. F. Ferraz, A Aritmética da Saúde na *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert, Tese de Mestrado, Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

** Médica, endocrinologista.

1. *Encyclopédie* ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres, Briasson, Le Breton, Durand, eds., Paris, 1751-1765.
2. G. Rosen, *Da Polícia Médica à Medicina Social; Ensaio sobre a História da Assistência Médica*, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Jean-Charles Sournia,³ salientam a presença, na *Encyclopédie*, de preocupações teóricas e propostas práticas sobre as *relações sociais da saúde e da doença* — temas discutidos tanto por filósofos como por médicos.

O principal interesse dos enciclopedistas era a *natureza* e a *sociedade*. No século XVIII, foi grande a ênfase no estudo da natureza, sob o olhar da *ciência*, conforme se verifica no fragmento abaixo:

“Quiconque est animé du désir de s'instruire, doit à cet aspect se trouver heureux de vivre dans un siècle si favorable aux sciences, et il se sentira pénétrer d'une nouvelle ardeur pour l'*Histoire de la nature*.”⁴

Os enciclopedistas acreditavam na existência de uma natureza acessível às ciências e à razão. A ciência passa a ser o novo critério de verdade, porém, de forma alguma, a perspectiva científica é neutra, indiferente. A ciência é impregnada de valores, produz valores e é, ela própria, um valor.

“A ciência é, por sua vez, um desses valores, de forma alguma isolada dos outros, mas que age sobre eles e sobre a qual eles agem. Existe a Natureza do sábio, a Natureza do moralista, a Natureza do artista [...]; a imparcialidade da própria ciência é uma conquista da moral e uma visão estética.”⁵

Partindo da existência de um vínculo entre conhecimento e interesses, procuro explicitar as relações entre as idéias iluministas e o contexto histórico da época. De um lado, a título de uma primeira aproximação, verifico o vocabulário utilizado pelos enciclopedistas, para então redefinir o campo científico-racional das idéias de saúde e doença. De outro, busco destacar, também de forma inicial, a relação entre o discurso médico da época e o conjunto de interesses políticos, econômicos e sociais da revolução burguesa.

2. A participação médica na *Encyclopédie*

A *Encyclopédie*, principal veículo de difusão do Iluminismo, tinha por finalidade fazer um inventário dos conhecimentos e apresentá-lo a seus contemporâneos, assim como transmiti-lo aos homens do futuro, a fim de que, mais instruídos, se tornassem também mais “virtuosos” e “felizes”.⁶

3. J. C. Sournia, *La Médecine Revolutionnaire 1798-1799*, Paris, Payot, 1989.

4. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Histoire Naturelle”, vol. VIII, p. 229.

5. R. Lenoble, *História da Idéia de Natureza*, Lisboa, Edições 70, 1990, p. 31.

6. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Encyclopédie”, vol. V, p. 635.

Diderot tinha por objetivo transformar o homem em um “citoyen plus éclairé, plus utile, et faire avancer par là une ‘révolution’ nécessaire”.⁷

Diderot rodeou-se de vários colaboradores, dentre os quais o matemático d’Alembert, que participou da *Encyclopédie* até o sétimo volume. Após a edição deste, em 1759, a *Encyclopédie* foi censurada pela Sorbonne, proibida pelo Parlamento de Paris, condenada pelo papa Clemente XIII e interdita por decreto real.⁸ Mesmo assim, os dez últimos volumes foram publicados clandestinamente, até 1765.

Jacques Proust⁹ apresentou uma lista de 160 colaboradores, lista sem dúvida incompleta, uma vez que vários verbetes não foram assinados. Muitos preferiram permanecer no anonimato, dado o caráter subversivo da obra. Mesmo quando os colaboradores tinham um título de nobreza, este em geral era omitido. D’Alembert declara o desprezo da *Encyclopédie* pelos títulos:

“Le nom même des Princes et des Grands n’a droit de se trouver dans l’Encyclopédie, que par le bien qu’ils ont fait aux Sciences; parce que l’Encyclopédie doit tout aux talents, rien aux titres, et qu’elle est l’histoire de l’esprit humain, et non de la vanité des hommes.”¹⁰

Mais importante que a origem, era a qualidade dos conhecimentos. Muitos colaboradores eram advogados, professores, médicos, membros de academias, artífices e pequenos empresários.

No “Discours préliminaire”,¹¹ d’Alembert assinala que o saber não é proveniente da revelação divina, e sim um produto da história — começa a aparecer a ruptura com a teologia cristã. D’Alembert confere ao homem uma faculdade universal, a razão, presente em todos os homens, em qualquer época da história. A medicina enquanto ciência validada racionalmente será considerada como uma das “artes úteis”.

Jacques Proust¹² listou 22 médicos enciclopedistas. A essa lista, acrescento mais quatro médicos, cujos nomes só aparecem no final dos verbetes: Tronchin, Fouquet, Menuret de Chambaud e Petit.

Dentre os médicos, Louis e de Jaucourt foram os redatores mais importantes. De Jaucourt ocupou uma posição de especial relevância na edição da

7. J. Proust, *Diderot et l’Encyclopédie*, Genebra, Slatkine, 1982, p. 6.

8. P. Goujard, *L’Encyclopédie ou dictionnaire des sciences, des arts et des métiers; textes choisis*, Paris, Sociales, 1984, p. 35.

9. J. Proust, *Diderot et l’Encyclopédie...*, *op. cit.*, pp. 515-29.

10. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, vol. III, p. iv.

11. *Idem*, vol. I, pp. i-li.

12. J. Proust, *Diderot et l’Encyclopédie...*, *op. cit.*, pp. 515-29.

própria obra. Louis, cirurgião, salientou a estreita relação entre a medicina e a cirurgia, sugerindo sua unificação.¹³ Apesar da participação com um único verbete, Tronchin e Bordeu foram destacados colaboradores.

Bordeu, no verbete “Crise (Médecine)”,¹⁴ visando o “progresso da ciência” e o “bem da sociedade”, avalia a antiga doutrina das crises.¹⁵ No século XVIII, a medicina das crises, apesar de muitas controvérsias, ainda era muito respeitada. Esta medicina tinha um caráter extra-hospitalar, centrado na verificação do momento da crise — o afrontamento da “natureza” com a doença. Bordeu defende uma nova prática médica, baseada na observação dos sintomas,¹⁶ na qual está implícita uma proposta de transformação no ensino da medicina, valorizando a formação prática e a observação assídua dos doentes. Reconhecendo a importância do conhecimento da “natureza”, salienta que a medicina deve considerar suas “leis”, e não mais a contagem dos “dias críticos”. Assim, a medicina “esclarecida” levava em conta a “natureza”. Vários verbetes da *Encyclopédie* elogiam Hipócrates, defendendo o poder de cura da “natureza”. Entretanto, diversamente da concepção hipocrática, tratava-se de uma “natureza” regida por leis, conceito marcado pela física newtoniana.

Ainda no verbete “Crise”, Bordeu prioriza o olhar: “apprenez à voir”.¹⁷ Esta passagem nos remete obrigatoriamente a Michel Foucault,¹⁸ que salientou a “soberania do olhar”, pré-requisito do *Nascimento da Clínica*, prática que vai se afirmar, principalmente, no século seguinte. Por oposição ao saber teórico, “filosófico”, já no século XVIII afirma-se a importância da história das doenças, mediante a observação dos sintomas, por meio do *coup-d’oeil*.

O verbete “*Inoculation*”,¹⁹ de autoria de Tronchin, revela sua dimensão política ao deixar clara a importância de prevenir a varíola como uma das formas de aumentar a população da França. Como salientarei adiante, no século XVIII, o número de habitantes passou a ser importante, tanto do ponto de vista econômico, como político.

13. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Chirurgie”, vol. III, pp. 350-2.

14. *Idem*, vol. IV, pp. 471-89.

15. A palavra crise deriva do grego “*crysis*” que significa “momento de decisão”.

16. A importância da observação dos sintomas já pode ser encontrada no século XVII. Sydenham já havia elaborado uma classificação das doenças tomando por base os sintomas. Mesmo assim, a medicina das crises ainda estava em voga na Europa do século XVIII.

17. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Crise (Médecine)”, vol. IV, p. 488.

18. M. Foucault, *O Nascimento da Clínica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977, p. 2.

19. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, vol. VIII, pp. 755-71.

3. O homem no Iluminismo: limites e condições do conhecimento humano

Uma das características setecentistas foi o grande estímulo à investigação da “natureza”, assim como o desenvolvimento das ciências. A partir do estudo da natureza, o Iluminismo produziu uma nova teoria do conhecimento. Em contraposição à verdade revelada, proveniente da teologia cristã, mais precisamente, da escolástica, os iluministas produziram um conhecimento de base racional, “naturalmente” acessível ao homem. À razão foi conferido o poder de investigar a “natureza”, a essência das coisas. Os fenômenos da natureza passaram a ser explicados pelas *leis científicas* que regem a matéria e o movimento.

A física desempenhou um papel decisivo na elaboração da imagem do mundo dos tempos modernos. Newton, mediante a formulação de uma lei cósmica universal, viabilizou a idéia de que o funcionamento do mundo e do universo era regido por leis, acessíveis à razão humana. Portanto, a razão, o pensamento humano, estariam aptos e capacitados para conhecer o mundo: “C’était enfin le triomphe du savoir human: la découverte d’un pouvoir de connaître égalant le pouvoir créateur de la nature.”²⁰

O Iluminismo acreditou no poder da própria filosofia de *organizar a vida*, atribuindo um sentido ativo, produtor, ao pensamento. Glorificou a razão e a ciência, a “suprême puissance de l’homme”.²¹

Em suma, Newton estabeleceu uma correspondência entre a natureza e o conhecimento humano. Ao definir as leis cósmicas universais, num mesmo gesto, conferiu poder ao conhecimento humano, poder tão criativo quanto o poder da natureza. Ao liberar a física da tutela da teologia, atingiu uma das principais metas do Iluminismo: a delimitação dos domínios do conhecimento racional. Tanto o conhecimento como a natureza passam a independe de Deus e da teologia. Assim, a razão teria a capacidade de investigar tanto a natureza como o espírito humano.

Os fundamentos da filosofia, assim como os da medicina, foram subordinados ao estudo da natureza, por meio da ciência. Tratava-se de uma natureza dotada de leis acessíveis à razão e ao entendimento humanos.

Visando afirmar o homem, o Iluminismo produziu também uma tese sobre a “natureza humana”. Tomando por base estudos de história natural, partindo portanto de uma perspectiva “científica”, o homem do século

20. E. Cassirer, *La Philosophie des lumières*, Paris, Fayard, p. 88.

21. *Idem*, p. 38.

XVIII seria dotado de uma *natureza universal* e de uma *igualdade natural*.²² Sua principal faculdade é a *razão*, dita *livre*. “Naturalmente”, é sociável, mas esta sociabilidade acabaria por produzir um “estado de sociedade”, distorcendo a “natureza humana”.²³ O homem era, portanto, natural, racional, social, universal e perfectível. A crítica ao “estado de sociedade” era uma estratégia para criticar a sociedade setecentista.

Tendo por finalidade o *progresso* e a *felicidade humanos*, os enciclopedistas esperavam, via o desenvolvimento da ciência e da educação, produzir um novo homem e uma nova sociedade.

4. Um problema de quatro operações: a população

No século XVIII, nasce a *economia política*:

“[...] l’art et la science de maintenir les hommes en société, et de les y rendre heureux, objet sublime, le plus utile et le plus intéressant qu’il y ait pour le genre humain.”²⁴

A economia política pôde se constituir a partir do momento em que, entre os vários elementos de riqueza da sociedade, apareceu um novo objeto, a *população*, sob cujas leis serão equacionados os indivíduos. A população, importante dos pontos de vista econômico e social, transforma-se em um dos elementos do conjunto “natureza exata”. O que se observa a partir dos verbetes da *Encyclopédie*, é que tanto a população quanto o indivíduo, apesar de seus níveis de importância distintos, passam a ser submetidos às leis “aritmeticamente exatas” da natureza.

Desde o século anterior, começaram a surgir várias tabelas de probabilidade de duração da vida humana, prática que se intensificou no século XVIII. Trata-se de uma nova abordagem da vida humana. As tabelas demonstravam uma elevada taxa de mortalidade das crianças, principalmente no primeiro ano de vida; uma maior taxa de mortalidade entre os filhos dos pobres; assim como o grande número de menores abandonados.²⁵ A infância passa a ser mais valorizada, na medida em que dela depende o futuro dos homens.

22. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Égalité naturelle”, vol. V, p. 415.

23. *Idem*, “Homme (Hist. nat.)”, vol. VIII, p. 260.

24. *Idem*, “Oeconomie Politique”, vol. XI, pp. 366-7.

25. *Idem*, “Vie, durée de la vie (Arithm. polit.)”, vol. XVII, pp. 249-54.

A preocupação com a miséria e com os contrastes sociais aparece em vários verbetes como, por exemplo, em “*Homme (Politique)*”, de autoria de Diderot:

“Plus le produit net est grand et également partagé, plus l’administration est bonne. Un produit net également partagé peut être préférable à un plus grand produit net, dont le partage serait très inégal, et qui diviserait le peuple en deux classes, dont l’une regorgerait de richesse et l’autre expirerait dans la misère.”²⁶

Há uma crítica à distribuição desigual da riqueza, sugerindo mudanças políticas e administrativas. Os enciclopedistas começam a questionar a assistência dada aos pobres nos *hospitals* da época, uma vez que poderiam até mesmo incentivar o ócio e a “licenciosidade”.²⁷ A crítica às instituições hospitalares implica uma proposta de reforma, como teremos oportunidade de verificar mais adiante. Os estudos de aritmética política demonstravam também a alta taxa de mortalidade nos hospitais, principalmente no *Hôtel-Dieu*, importante hospital parisiense.

Visando à população, a partir de várias estratégias, o *indivíduo* entra em foco: a infância é medicalizada, nasce a mãe burguesa, o aleitamento mercenário é combatido em favor do aleitamento materno e o menor abandonado passa a merecer maiores atenções. O hospital é medicalizado, transformando-se em um local de cura. Surgem o leito individual, a visita e o exame médicos.

5. Alguns elementos do problema

No século XVIII, a população tornou-se uma questão de política social e econômica. Os governos passam a lidar com uma *população*, não mais simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um povo. Seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias passam a ser uma questão de governo: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e habitação. Não é apenas importante uma população numerosa; os homens devem ser também “saudáveis” e “trabalhadores”.²⁸

Assim é que, não sem luta, os médicos e a medicina passam a ocupar um lugar privilegiado. A partir do conhecimento da “natureza humana”, médi-

26. *Idem*, vol. VIII, p. 278.

27. *Idem*, “Population”, vol. XIII, p. 102.

28. *Idem*, “Homme (Politique)”, vol. VIII, p. 278.

cos e outros pensadores irão produzir normas, definindo o comportamento do homem.

Na *Encyclopédie*, verifica-se uma crítica ao charlatanismo,²⁹ comum no discurso médico da época, quando o poder médico, baseado em preceitos científicos validados racionalmente, estava se afirmando.

A partir das indicações fornecidas pelo verbete “*Population*”,³⁰ examinei a produção dos enciclopedistas voltada para a saúde. Nos verbetes de autoria médica, assinalo o novo vocabulário incorporado à “medicina científica”.

5.1. A infância

Quanto à infância, começa a merecer maiores cuidados, uma vez que dela depende o aumento da população ativa. Ao mesmo tempo, a maior atenção dirigida à infância vai acarretar uma “atenção especial” aos pais, às mães, às nutrizes e aos menores abandonados — temas extremamente relacionados, que, todavia, abordarei separadamente.

Diderot³¹ apresenta uma tabela de probabilidade de duração da vida humana, enfatizando a importância da sobrevivência das crianças para o aumento da população. Qual é a abordagem de Diderot diante da infância?

“Ce sont les enfants qui font des hommes. Il faut donc veiller à la conservation des enfants par une attention spéciale sur les pères, sur les mères et sur les nourrices. Cinq mille enfants exposés tous les ans à Paris peuvent devenir une pépinière de soldats, de matelots et d’agriculteurs.”³²

Há uma crítica aos costumes da época, tal como o hábito de enfaixar o recém-nascido — “costume bárbaro” entre os civilizados —, oportunidade de ironizar a sociedade setecentista.

O primeiro verbete sobre a infância é justamente “*Enfance (Médecine)*”,³³ cujo autor foi d’Aumont, médico e professor da Universidade de Valence. É como se o discurso sobre a infância só pudesse começar pela ótica médica. O enciclopedista salienta que o corpo da criança não deve ser

29. *Idem*, “Charlatan”, vol. III, p. 208.

30. *Idem*, vol. XIII, pp. 88-103.

31. *Idem*, “Homme (Hist. nat.)”, vol. VIII, p. 261.

32. *Idem*, “Homme (Politique)”, vol. VIII, p. 178.

33. *Idem*, vol. V, pp. 651-2.

negligenciado, devido à estreita relação entre corpo e espírito. A educação da criança deveria passar por uma intervenção em seu corpo, pela introdução de hábitos, de uma disciplina do corpo.

Michel Foucault³⁴ tem razão em afirmar a inauguração de uma “biopolítica”, a partir do século XVIII, por meio das “disciplinas” do corpo. O controle do social não se dará apenas no plano das idéias, mas principalmente por intermédio do corpo de cada indivíduo. Para Foucault,³⁵ “o corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.”

É o que fica evidente no verbete de d’Aumont:

“Il est donc du ressort de la Médecine de prescrire la conduite que doivent tenir les personnes chargées d’élever les enfants, et de veiller à tout ce qui peut contribuer à la conservation et à la perfection de leur santé; à leur faire une constitution qui soit le moins qu’il est possible sujette aux maladies. C’est dans ce temps de la vie, où les tissu des fibres est plus délicat, où les organes sont le plus tendre, que l’économie animale est le plus susceptible des changements avantageux ou nuisibles conséquemment au bon ou au mauvais effet des choses nécessaires, dont l’usage ou les impressions sont inévitables; ainsi il est très important de mettre de bonne heure à profit cette disposition, pour perfectionner ou fortifier le tempérament des enfants, selon qu’ils sont naturellement robustes ou faibles.”³⁶

O enciclopedista considera a medicina necessária ao desenvolvimento das crianças. Assim é que a infância passa a ser medicalizada. Tendo em vista o verbete em questão, pode-se afirmar que ao médico caberá orientar e “prescrever a conduta” daqueles que cuidarão das crianças.

D’Aumont fornece a fonte de seu texto: o livro de Locke, *Sur l’éducation des enfants*, editado em 1693, traduzido do inglês por Coste, em 1695. Todas as considerações e conselhos sobre a saúde das crianças vêm diretamente da obra de Locke, inspirador de vários verbetes da *Encyclopédie*.

Os conselhos médicos passaram a marcar os corpos das crianças, a produzir, conseqüentemente, novos corpos e novas crianças. O discurso da *Encyclopédie* contribuiu para produzir mudanças no mundo, para a criação de um mundo não mais aristocrático, com outras regras e novos valores. A descendência passa a ser priorizada, valor do mundo burguês.³⁷

34. M. Foucault, *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1980, p. 131.

35. M. Foucault, “O Nascimento da Medicina Social”, in *Microfísica do Poder* (2ª ed.), Rio de Janeiro, Graal, 1981, p. 80.

36. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Enfance (Médecine)”, vol. V, p. 652.

37. Ver M. Foucault, *História da Sexualidade I...*, *op. cit.*

Daniel Teysseire salienta que o século XVIII:

“[...] n’a pas découvert l’enfant pour lui-même mais pour ce qu’il est le passé de l’adulte. De même que le mépris classique de l’enfance est un effet de religion, de même la découverte de l’enfance est un effet de la prise de pouvoir de la science sur l’homme, plus précisément, sur l’homme adulte.”³⁸

Tomando por base as noções de fisiologia da época, d’Aumont³⁹ enuncia 13 regras de higiene, visando a educação do corpo e do espírito: regras sobre a alimentação, os medicamentos, a exposição ao ar e ao sol, o vestuário, os exercícios, o sono, o hábito de ir ao banheiro regularmente, como evitar emoções fortes etc. A recomendação de “leur faire contracter l’habitude d’aller à la selle régulièrement”⁴⁰ revela o princípio que nortearia a educação sanitária das crianças: *hábito e regularidade*.

Essas regras foram as mesmas apresentadas por Locke, mas d’Aumont não as justificou, como fez o filósofo inglês. Quanto aos hábitos de sono, dormir cedo e durante toda a noite, relacionam-se a evitar “ces débauches du soir si dangereuses et si nuisibles à la santé”.⁴¹ Tais recomendações não teriam origem em um fundamento fisiológico, mas moral. Está bem claro, portanto, que a educação do corpo é, simultaneamente, uma educação moral.

Michel Foucault⁴² distinguiu a “pedagogização do sexo da criança” como um dos “conjuntos estratégicos” que desenvolveram dispositivos de saber e poder a respeito do sexo. O sexo encontra-se no cerne da questão da população enquanto problema econômico e político.

Ao final do verbete, d’Aumont declara sua intenção: produzir *corpos dóceis*, capazes de se acostumar a vários gêneros de vida. O enciclopedista remete ao verbete “Hygiene”,⁴³ onde são explicadas as razões que fundam esta prática. Ressalta-se a preeminência da higiene — que tem por objetivo conservar a saúde — sobre a terapêutica — que visa somente restabelecer a saúde perdida. A importância dada à prevenção é um campo favorável para determinar certas normas, que devem gerir as vidas.

38. D. Teysseire, *Pédiatrie des lumières*, Paris, Vrin, p. 29.

39. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Enfance (Médecine)”, vol. V., p. 652.

40. *Ibidem*.

41. J. Locke, *Sur l’éducation des enfants*, 1695, p. 34 *apud* D. Teysseire, *Pédiatrie des...*, *op. cit.*, p. 31.

42. M. Foucault, *História da Sexualidade I...*, *op. cit.*, p. 99.

43. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, vol. VIII, pp. 385-8.

Também de autoria de d'Aumont, o verbete "*Enfants (Maladies des)*"⁴⁴ ocupa-se das doenças infantis. O enciclopedista assinala que a conservação da vida humana cabe aos médicos, sublinhando a importância da medicina para a saúde das crianças. No início do verbete, d'Aumont faz uma nítida *declaração de direito de intervenção universal da medicina*. A seguir, faz um levantamento das doenças infantis.

Sublinhando as dificuldades diagnósticas, preconiza como *método* buscar informações precisas junto àqueles que cuidam de questões como o choro, a agitação, o sono, os arrotos, os vômitos, os soluços, as convulsões, a tosse e as fezes da criança, ou seja, a *mãe* ou a *nutriz*. Recomenda também um *exame clínico atento*. O exame é uma das estratégias de construção do indivíduo. Apesar de ter se referido à clínica, d'Aumont não se situa ainda propriamente na Clínica, tal como esta se estabelece nos últimos anos setecentistas.⁴⁵

Ao expor as causas das doenças infantis, o enciclopedista apresenta uma perspectiva físico-mecanicista dessa "pequena máquina" que é o corpo da criança. Ainda como causas das doenças infantis, cita a hereditariedade, a educação e o parto.

A questão da hereditariedade mostra claramente a passagem da condenação médica à condenação moral: os pais poderiam prejudicar a saúde dos filhos ao se entregarem às intemperanças, à devassidão, ao desregramento e ao excesso de trabalho intelectual. Em nome dos descendentes, controla-se a vida dos adultos.

D'Aumont, ainda nesse verbete, enfatiza a importância da educação e dos cuidados recebidos durante os primeiros anos de vida. Critica as *nutrizes*, pois seu leite, "corrompido" por emoções fortes, produziria doenças na criança. Para combater o aumento da acidez dos humores, o enciclopedista recomenda um regime alimentar apropriado às nutrizes.

A doença é compreendida como uma "discinesia das fibras", perturbação de uma "ordem natural". A terapêutica visava seu restabelecimento mediante um equilíbrio entre pressão e resistência, entre líquidos e sólidos.

Os medicamentos deveriam ser "leves" e aplicados com prudência, pois visavam um retorno ao "estado natural". Trata-se de uma *terapia confiante na natureza*: "il ne faut point troubler la nature dans ses opérations".⁴⁶

44. *Idem*, vol. V, pp. 657-63.

45. Ver M. Foucault, *O Nascimento da Clínica...*, *op. cit.*, pp. 59-70. De acordo com Michel Foucault, trata-se de uma "protoclínica".

46. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, "Enfants (Maladies des)", vol. V, p. 662.

Apesar de o médico enciclopedista ter se referido a Hipócrates no início do verbete, a palavra “natureza” ganhou novo sentido, marcado pelas leis da mecânica e pela história natural. O vocabulário médico incorpora os conceitos da mecânica, as forças de pressão e resistência, uma concepção do corpo como máquina.

Pelo caminho traçado, é de se supor que os “cuidados” com a infância fazem com que a medicina setecentista dirija seu olhar para as *mães* e para as *nutrizes*.

5.2. As mães

A partir da valorização da infância, as mães serão alvo importante de discussão no século XVIII. Suas vidas passam a merecer considerações, tanto dos médicos, como dos filósofos da época. A gestação, o parto, sua alimentação e seus hábitos são temas privilegiados para novas prescrições, produzindo novos comportamentos e uma nova cultura.

Em “Enfants (Maladies des)”,⁴⁷ verbete que começamos a analisar no item anterior, d’Aumont salienta que os “vícios hereditários” encontrados nas crianças decorrem, particularmente, das *mães*, devido aos “erros” cometidos durante a *gestação*. A mulher grávida será medicalizada a partir da perspectiva de sua “anormalidade”. É considerada “fraca de espírito”, inclinada à “depravação do apetite”, vulnerável a preocupações inúteis, com imaginação desregrada, possuída tanto pelo medo como pela tristeza, tanto pela cólera como pela vingança:

“On ne pourrait exprimer combien elles [les femmes grosses] ont de disposition à s’occuper de soins inutiles, de désirs vagues, d’imagination dérégliées, combien elles se laissent frapper aisément par la crainte, la terreur, les frayeurs, combien elles ont de penchant à la tristesse, à la colère, à la vengeance et à toute passion forte, vive; ce qui ne contribue pas peu à troubler le cours des humeurs et à faire des impressions nuisibles dans les tendres organes des *enfants renfermés* dans la matrisse.”⁴⁸

A gestação é analisada mediante uma perspectiva patológica, marcada por distúrbios mentais. A grávida reuniria as características de um doente mental e de um criminoso em potencial — da “histérica”.

47. *Idem*, pp. 657-63.

48. *Idem*, p. 659.

D'Aumont, mais uma vez, fornece uma explicação fisiológica para os “vícios hereditários”, que passariam da mãe para o feto: alterações dos humores e impressões prejudiciais aos frágeis órgãos fetais.

O autor responsabiliza as mães, tanto biológica quanto moralmente, pela saúde e educação dos filhos. Se as crianças eram fracas, isto ocorria por causa de “l'intempérance des femmes”,⁴⁹ tanto alimentar como sexual.

O médico enciclopedista não preconiza uma abstinência sexual durante a gestação, o que ele critica e proscreeve é a “intemperança”, enfim, os excessos.⁵⁰ A “sexualidade” será tema do domínio médico, “científico”. Michel Foucault⁵¹ salienta que a “histerização do corpo da mulher” foi uma das estratégias da produção de um saber-poder em relação ao sexo. O corpo da mulher foi integrado à prática médica quando foi considerado saturado de sexualidade, portanto, sob efeito de uma patologia própria. A “mulher nervosa” é a imagem em negativo da mãe.

Ainda nesse verbete, d'Aumont salienta a responsabilidade materna durante o trabalho de parto. Como uma das causas das doenças infantis, o enciclopedista aponta também as parteiras, capazes de botar em risco tanto a vida das crianças como a das mães. O combate às parteiras era bastante comum nos textos médicos da época, que as consideravam responsáveis pelos acidentes durante o trabalho de parto. Segundo Daniel Teysseire,⁵² os estudos demográficos demonstravam que 10% das mulheres morriam durante o parto. Assim, as parteiras eram responsabilizadas tanto pelas doenças infantis, quanto pela morte materna.

5.3. Aleitamento materno x aleitamento mercenário

Como explicação para um excesso de acidez na criança, o enciclopedista refere-se ao “leite corrompido das nutrizes”, devido às “violentas paixões”, a uma alimentação muito ácida, à vida sedentária e aos excessos na vida sexual.⁵³

49. *Ibidem*.

50. Daniel Teysseire salienta tratar-se de uma atenuação do *tabou tenace*, a interdição sexual da grávida, de origem religiosa. A explicação médica atenuaria o rigor da interdição sexual religiosa. D. Teysseire, *Pédiatrie des...*, *op. cit.*, p. 55.

51. M. Foucault, *História da Sexualidade I...*, *op. cit.*, p. 99.

52. D. Teysseire, *Pédiatrie des...*, *op. cit.*, p. 56.

53. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Enfants (Maladies des)”, vol. V, p. 660.

Na França, nas famílias da aristocracia, a prática de entregar os filhos aos cuidados de uma nutriz era muito antiga. No século XVIII, estendeu-se à burguesia. A recusa ao aleitamento materno relacionava-se às preocupações com a beleza, às necessidades da vida mundana, às regras de decência e ao desejo de manter uma vida conjugal. Nos meios populares essa prática também se difundiu, por razões socioeconômicas, uma vez que a mulher passou a exercer funções incompatíveis com o aleitamento. A partir do final do século XVIII, o emprego de nutriz passa a ser criticado, em favor do aleitamento materno.⁵⁴

Em *Émile*, publicado em 1762, Rousseau⁵⁵ qualifica o aleitamento mercenário como “usage déraisonnable” porque “dénaturé”. Amamentar os filhos é que estaria de acordo com a natureza. Claramente, o natural é identificado ao racional e ao sensato. Segundo Rousseau, a vida mundana é incompatível com a maternidade. Por “natureza”, a mulher deve ser mãe e esta maternidade tem início com a amamentação.

“Mais que les mères daignent nourrir leurs enfants, les mœurs vont se réformer d’elles-mêmes, les sentiments de la nature se réveiller dans tous les coeurs.”⁵⁶

Por meio da identificação do “racional” com o que está de acordo com a “natureza”, costumes como o aleitamento materno serão naturalizados: “Observez la nature et suivez la route qu’elle vous trace.”⁵⁷ Rousseau acredita também que o aleitamento materno, ao “reformular” os costumes, aproximará o homem do lar.

Vários verbetes da *Encyclopédie* também recriminam o “aleitamento mercenário”, o recurso às nutrizes, preconizando o aleitamento materno.

O verbete “*Nourrice (Médecine)*”⁵⁸ enuncia três argumentos em favor do aleitamento materno. O primeiro seria de ordem fisiológica: uma analogia entre a mãe e a criança, através da placenta e do leite, uma “evidência da natureza”. “Naturalmente”, as mães deveriam amamentar seus filhos; o “estado de sociedade” é que impediria esse comportamento. (Observa-se uma crítica à sociedade setecentista.) O segundo argumento seria o “sentimento maternal” pelos filhos, também considerado “natural”. O aleitamento materno seria a primeira manifestação desse sentimento de ternura. Como

54. Y. Saint-Geours *et alli*, *Musée de l’assistance publique de Paris*, Paris, s/e, 1987, p. 125.

55. J. J. Rousseau, *Émile ou de l’éducation*, Paris, Garnier-Flammarion, 1966, p. 44.

56. *Idem*, p. 47.

57. *Idem*, p. 49.

58. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, vol. XI, p. 260.

terceiro argumento, a recriminação do “luxo”, da vida mundana. Mais uma vez, há uma crítica ao “estado de sociedade”, corrompido *vis-à-vis* o “estado de natureza”. O enciclopedista esclarece que o abandono dos filhos aos cuidados de nutrizas estranhas devia sua origem à “corrupção dos costumes”.

O exemplo dado no verbete é o de César que, retornando de Gales, teria perguntado se as romanas não tinham mais crianças para alimentar, vendo em seus braços apenas cachorros e macacos — um sinal de corrupção dos costumes.

Uma vez que, segundo o enciclopedista, era a sociedade que estaria impedindo o aleitamento materno, caberia à própria sociedade incentivá-lo. Cita, por exemplo, uma lei turca que beneficiava a viúva que tivesse amamentado os filhos — os turcos, considerados bárbaros sob vários aspectos pelos enciclopedistas, valeriam mais que os povos civilizados, cultos, ao menos quanto à valorização do aleitamento materno.

O exame dos verbetes da *Encyclopédie* demonstra que o estímulo ao aleitamento materno se confunde com uma crítica aos costumes, com o desejo de uma reforma social e a invenção da mãe burguesa.

5.4. *Enfant exposé*

Dada a sua frequência, a *Encyclopédie* dedica um verbete ao *enfant exposé*:

“*Enfant exposé*, ou comme on l’appelle vulgairement, un enfant trouvé, est un *enfant* nouveau-né ou un très bas âge et hors d’état de se conduire, que se parents ont exposé hors de chez eux, soit pour ôter au public la connaissance qu’il leur appartient, soit pour se débarrasser de la nourriture, entretien et éducation de cet *enfant*.”⁵⁹

Apesar de a prática de abandonar os filhos ser considerada um crime, ocorria sem muitos problemas. Do grande número de menores abandonados, muitos eram filhos ilegítimos, mas a miséria era certamente a maior causa. Mesmo existindo instituições para receber os menores, estas não estavam mais dando conta do aumento do número de crianças abandonadas ao longo do século XVIII. A *Encyclopédie* critica a assistência fornecida aos menores abandonados, reconhecendo que apenas atenuava esse problema social, mas não corrigia suas causas.

59. *Idem*, vol. V, p. 655.

Surgiram estudos estatísticos sobre os menores abandonados. Um dos mais importantes foi realizado pelo cirurgião Tenon, em 1788, ao redigir um relatório sobre os hospitais parisienses.⁶⁰ O próprio d'Alembert foi exposto na porta de uma igreja — *Saint-Jean-Le-Rond*, origem do seu nome.⁶¹

Até meados do século XIX, a prática mais freqüente para abandonar uma criança era sua exposição em um lugar público. Visando impedir o infanticídio e o aborto, muitas cidades criaram a roda ("le tour"), oficializada por decreto imperial em 1811.⁶²

Em conseqüência da alta taxa de mortalidade das crianças internadas nos mesmos estabelecimentos que os adultos, um hospital destinado às crianças foi inaugurado em 1802.⁶³

Em suma, destacam-se a freqüência de abandono das crianças e sua alta taxa de mortalidade. As crianças doentes eram internadas nos mesmos hospitais destinados aos adultos, uma vez que as instituições voltadas para a infância, apesar de se chamarem hospitais, não eram medicalizadas. O hospital medicalizado começa a surgir no século XVIII.

5.5. Os hospitais

Quanto ao hospital, a maior preocupação era com a desordem e a transmissão de doenças para a cidade.

A prática médica dos séculos XVII e XVIII não era preferencialmente a de uma medicina hospitalar. Tanto a formação como a intervenção médicas eram organizadas em torno da noção de crise, criticada na *Encyclopédie*. A idéia da observação médico-hospitalar, o registro do que era constante ou particular, não faziam parte da prática médica. Somente a partir de meados do século XVIII é que a medicina pôde se tornar hospitalar, e o hospital foi medicalizado.

Não é por acaso que os verbetes "Hôpital"⁶⁴ e "Hôtel-Dieu"⁶⁵ não são de autoria médica, tendo sido assinados por Diderot. O enciclopedista historia

60. J. Tenon, *Mémoires sur les Hôpitaux de Paris*, Paris, Royes, p. 91.

61. Y. Saint-Geours *et alli*, *Musée de l'assistance...*, *op. cit.*, pp. 41-2.

62. O "Musée de l'assistance publique de Paris" dedica uma seção aos menores abandonados e à história de sua assistência. Ver *idem*, pp. 39-59.

63. R. Vial, *Moeurs, santé et maladies en 1789*, Paris, Londreys, 1989, p. 161.

64. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, vol. VIII, pp. 293-4.

65. *Idem*, vol. VIII, pp. 319-20.

a instituição hospital, lembrando que já foi hospedaria e que, no século XVIII, era um lugar destinado aos pobres.

Para os enciclopedistas, os hospitais deveriam se destinar apenas aos doentes, e a questão da miséria deveria ser solucionada pela oportunidade de trabalho, questão de responsabilidade do governo. Caberia aos médicos definir tanto a localização dos hospitais, quanto sua arquitetura interna. Diderot critica a mistura de doentes em um mesmo leito, o que facilitaria a transmissão de doenças. O leito individual era uma eventualidade nos hospitais da época, sendo comum dois a seis doentes em cada leito. O enciclopedista salienta a urgência de se reformar os hospitais em virtude da alta taxa de mortalidade.⁶⁶

A *Encyclopédie* preconiza um hospital medicalizado — local destinado aos doentes, visando a cura. No verbete “Hôtel-Dieu”, Diderot critica o “amontoado” de doentes e doenças, destacando o risco de transmissão para a cidade. Era necessário *disciplinar* os hospitais. Em sua estrutura espacial, o hospital passa a ser um lugar de intervenção sobre o doente, sendo sua arquitetura um dos instrumentos de cura. Ao mesmo tempo, ocorre uma transformação na hierarquia hospitalar, constituindo-se os médicos nos principais responsáveis por sua organização.

A medicalização hospitalar ocorreu devido à *disciplinarização do espaço hospitalar* e também à *transformação do saber e da prática médicas*.⁶⁷

A medicina setecentista, cujo pensamento era marcado pela história natural, classificava as doenças como Lineu classificou os vegetais. A doença era compreendida como um fenômeno natural, classificável em espécies, a partir da observação dos sintomas:

“Les *maladies* ont plusieurs rapports avec les plantes; c’est par cette considération, que Sydenham avec plusieurs autres auteurs célèbres, desirait une méthode pour la distribution des *maladies*, qui fût dirigée à l’imitation de celle que les botanistes employent pour les plantes: c’est ce qu’on se propose, en établissant l’ordre symptomatique, dans lequel la différence parties des plantes, d’où se tirent les différents caracteres de leurs familles, de leurs genres et de leurs espèces, établit aussi les différences des classes, des genres et des espèces des *maladies*.”⁶⁸

A doença era dotada de uma história natural, proveniente de uma ação particular do meio sobre o indivíduo. A água, o ar, a alimentação e o regime de vida

66. *Idem*, “Hôpital”, vol. VIII, p. 294.

67. Ver M. Foucault, “O Nascimento do Hospital...”, *op. cit.*, pp. 99-111.

68. *Encyclopédie...*, *op. cit.*, “Maladie (Médecine)”, vol. IX, p. 932.

seriam como que o “solo” onde as doenças se desenvolveriam. Nessa perspectiva, a cura passaria por uma intervenção médica no meio.

A disciplina hospitalar terá por função transformar as condições do meio em que os doentes são colocados. Cada doente terá um leito e um registro individualizados. Simultaneamente, também será prescrito um regime de vida. É o *indivíduo* que será examinado, observado, conhecido e curado, emergindo como objeto do saber e da prática médicas.

Ao mesmo tempo, o hospital irá permitir a observação de uma grande quantidade de indivíduos, possibilitando o conhecimento das patologias comuns da população.

A partir do hospital medicalizado, tanto o indivíduo como a população passam a ser objetos da intervenção e da prática médicas: “A medicina que se forma no século XVIII é tanto uma medicina do indivíduo quanto da população.”⁶⁹

6. Observações finais

A *Encyclopédie*, combatendo os “preconceitos”, a “superstição” e a “intolerância”, tinha por objetivo esclarecer os homens e criar uma nova sociedade. É o mundo burguês que está sendo gestado.

A medicina, tornada “científica”, passa a ser valorizada enquanto uma das “artes úteis”, importante para a felicidade e riqueza das nações. Surge a população como uma questão de governo. Os estudos estatísticos — a aritmética política — permitem medir os fenômenos próprios da população. A família vai se constituir como elemento e instrumento privilegiados quando se trata de intervir para o “benefício” da população.

Os verbetes da *Encyclopédie* nos permitem verificar as preocupações com a infância, o menor abandonado, o aleitamento materno, o comportamento da mãe e o combate às nutrizas, como sendo importantes para a política da população.

Na segunda metade do século XVIII, o hospital é medicalizado. A observação e a experiência passam a ocupar uma posição central para o conhecimento e a prática médicas. A observação dos sintomas, sob a ótica da “história natural” das doenças, vai caracterizar uma medicina classificatória, que acabará por ultrapassar a doutrina das crises. Apesar da constante

69. M. Foucault, “O Nascimento do Hospital...”, *op. cit.*, p. 111.

referência a Hipócrates, essa medicina das espécies, anterior à clínica, apresenta traços já bem distanciados da concepção grega.

A pesquisa dos verbetes médicos da *Encyclopédie* revela, também, a permanência de preceitos hipocráticos no século XVIII, tais como o “poder de cura da natureza” e a “oportunidade” (*kairós*) da intervenção médica. Esta convivência, aparentemente contraditória, entre antigo e moderno pode ser explicada pela busca de legitimidade para as mudanças propostas pelos enciclopedistas e, ainda, pela busca de enriquecimento de sua incipiente linguagem científica. A “natureza” investigada pela ciência tem um sentido bem distante da *physis* grega; assim como é a observação diária dos sintomas, em um conjunto de dias mecanicamente iguais, que vai ditar a intervenção, e não mais o caráter oportuno da intervenção médica, em dias decisivos para a doença: os dias críticos.

Em síntese, pode-se dizer que, a partir da importância conferida à população, do interesse de *aumentar* o número de trabalhadores, *diminuir* o número de pobres e ociosos, *multiplicar* os súditos e *dividir* a riqueza, a “medicina científica”, dentro do contexto do Iluminismo, encontrou um “solo fértil” para se estabelecer. A partir da segunda metade do século XVIII, observa-se uma nova administração da vida, da reprodução e da morte.

RESUMO

A Aritmética da Saúde na *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert:

Um Esboço de Política de Saúde

Encyclopédie, principal obra de difusão do Iluminismo, contou com a participação de vários médicos, evidenciando preocupações com a saúde do indivíduo e da população. No século XVIII, afirma-se a primazia da ciência, novo critério de verdade. Ao criticarem a sociedade setecentista, visando produzir mudanças no mundo, filósofos e médicos tinham em mente a infância, o menor abandonado, o aleitamento materno, o comportamento da mãe e o combate às nutrizes — questões relevantes enquanto concernentes à população, que passa a ser valorizada como fonte de riqueza da nação. Ainda na segunda metade do século XVIII, o hospital é medicalizado e como local de cura será disciplinarizado, apresentando uma nova distribuição espacial. A medicina classificatória, em voga desde o século anterior,

priorizando a observação dos sintomas e a experiência do médico, acaba por ultrapassar a doutrina das crises, apesar da permanência de alguns preceitos hipocráticos. Em síntese, está se afirmando uma nova administração da vida, da reprodução e da morte.

ABSTRACT

The Arithmetic of Healthy in the Diderot's and d'Alembert's *Encyclopédie*: A Sketch of Healphy's Policy.

The *Encyclopédie*, work of greater importance in the diffusion of Enlightenment, was developed with the contribution of several physicians, which emphasize their concerns about individuals and populations healthy. In the eighteenth century, primacy of science is stated as a new truth criterion. On criticizing eighteenth century's society, as to provoke changes in the world, physicians and phylosophers show their concerns about childhood, parentless children, motherly milk-feeding, mother's behavior and nourishers restraint — all relevant subjects, as well as of population's interest. As a matter of fact, population starts then to be considered as nation's richness source. Yet in the second half of the eighteenth century, hospital is medicalized. As a place of healing, it will pass through disciplinary changes, thus showing a new spatial distribution. The previously present "crisis doctrine" is then exceeded by last century's arisen classificatory medical science — in spide of some remaining hypocratic precepts. Therefore, one coult undoubtedly say that a new management concerning life, death and reproduction is being asserted.

RÉSUMÉ

L'arithmétique de la Santé dans l'*Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*: Un Esquisse de Politique de la Santé

L'*Encyclopédie*, principal instrument de diffusion de la Philosophie des Lumières, compte de nombreux médecins parmi se collaborateurs, ce qui prouve que l'on s'intéresse aux problèmes de la santé de l'individu et de la population. Au XVIII^{ème} siècle s'affirme la primauté de la science comme nouveau critère de vérité. Critiquant la société du XVIII^{ème} siècle et visant

à produire des changements dans le monde, les philosophes et les médecins s'intéressent à l'enfance, à l'enfant exposé, à l'allaitement maternel, au comportement de la mère et au combat contre les nourrices — toutes questions importantes en ce qui concerne la population. Celle-ci est valorisée en tant que source de richesse de la nation. Déjà dans la deuxième moitié du XVIII^{ème} siècle, l'hôpital est médicalisé. Comme lieu de soin, il sera organisé et présentera une nouvelle distribution de l'espace. La médecine des espèces, en vogue depuis le siècle précédent, et qui accorde la priorité à l'observation des symptômes et à l'expérience des médecins; finit par dépasser la doctrine des crises en dépit du maintien de certains préceptes d'Hippocrate. En conclusion une nouvelle administration de la vie, de la reproduction et de la mort, est en train de s'affirmer.